

BOA IDÉIA

Valorização da arte indígena eleva condições de comunidades no Amazonas

“Uma premiada* iniciativa de parceria entre o Instituto Socioambiental (ISA), a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), a Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI) e as lojas Tok & Stok está produzindo geração de renda para comunidades indígenas de etnia baniwa - localizadas na região do Alto Rio Negro, noroeste da Amazônia - e valorizando o artesanato tipicamente brasileiro. Trata-se do Artesanato Baniwa, parte do Projeto de Desenvolvimento de Alternativas Econômicas encabeçado pelo ISA e pela FOIRN em 1994.

Dois mil anos é o tempo que separa o artesanato dos índios baniwa dos demais habitantes do país. Representada por potes, jarros e peneiras de arumã, palmeira nativa da região, essa cultura chegou às prateleiras das lojas Tok & Stok de todo o país em 1999. “Nos agrada muito fazer parte desse projeto, especialmente quando sabemos que estamos oferecendo um produto genuinamente brasileiro para um grande público e contribuindo para o desenvolvimento social comunitário”, diz Ademir Bueno, gerente do departamento de apoio técnico e tendências da empresa.

Até chegar à rede Tok & Stok, o projeto percorreu vários caminhos, sempre com o mesmo objetivo central: revitalizar, entre os baniwa, uma cultura milenar que estava se perdendo e, simultaneamente, criar uma alternativa econômica para sua sustentabilidade. “Saber fazer os cestos é pré-requisito para ser um baniwa, há um valor cultural muito forte. Mas sem alternativas, os índios estavam migrando para outras atividades de renda. O artesanato, no mercado local, era desvalorizado”, afirma Joana Fernandes, da área comercial do Projeto Arte Baniwa no ISA.

Por meio de uma pesquisa de mercado feita no Rio de Janeiro e em São Paulo, o ISA detectou grande interesse do público de classes A e B na compra dos produtos. Reunindo esse tipo de consumidor por excelência, a Tok & Stok acolheu a

idéia e adaptou seus procedimentos comerciais. Entre outros aspectos, a empresa passou a trabalhar com encomendas de grandes quantidades, já que o tempo médio do início da produção de um lote de cerca de 1.200 peças até sua entrega - cujo transporte é feito por vias fluvial e terrestre - é de 100 dias.

“A produção acompanha a capacidade do artesão no momento, evitando que o processo exerça pressão no funcionamento social da comunidade”, explica Joana. Segundo ela, da primeira oficina do projeto, realizada em 1999, até hoje, foram produzidas cerca de 12 mil peças. Já o número de artesãos interessados em participar do trabalho aumentou de 20 para 140 pessoas de 17 comunidades indígenas. Para

Existem 4 mil índios baniwa no Brasil e 12 mil no mundo.

organizar o grande número de interessados, a OIBI controla a produção. “O projeto tem um forte caráter participativo. Toda a definição de metas e procedimentos é discutida em conjunto com os artesãos, em

encontros realizados pela OIBI”, destaca Joana.

A boa aceitação do consumidor está garantindo a retomada da parceria com a Tok & Stok, que havia cessado as encomendas dos produtos no ano passado para estudar possibilidades de expansão das vendas. Como resultado dessa fase, uma das ações previstas é o relançamento da coleção de cestos de tamanhos menores - com o objetivo de facilitar transporte e gestão de estoques - e entrada dos produtos em Salvador/Bahia até o final de 2002. A média de preços dos produtos é de R\$ 25.

“A maioria dos clientes percebe que há um fundo social e vê com bons olhos iniciativas com essa carga”, avalia Bueno. Como reflexo dessa aceitação, o ISA já contabiliza vários bons frutos do projeto, entre eles o fortalecimento do papel da OIBI e melhorias concretas, como a compra de barcos e formação de uma rede de radiodifusão, essencial para o bom desenvolvimento das comunidades. “Os recursos da venda dos produtos para a Tok & Stok são divididos em 60% para o artesão e 40% para investimentos em infra-estrutura”, afirma Joana.

* O Projeto Arte Baniwa é menção honrosa no Prêmio Empreendedor Social e vencedor do Prêmio A Gestão Pública e Cidadania, da Fundação Ford e Fundação Getúlio Vargas.

Fotos: Beto Riccardi

Jarro Kaxadadálíe e Urutu Oolóda (cesto) são alguns dos objetos do artesanato Baniwa